

ENTRE A REALIDADE E O REAL:

O humor como fuga em James Thurber

Jamyllle Barbosa Silva Anacleto (jamyllleanacleto@gmail.com)

Graduanda/UNEB

Luis Roberto Resende dos Santos (luisrresende@hotmail.com)

Mestre/UNEB

Resumo: Este artigo versa sobre o humor como fator de significações na obra literária, especificamente no conto *The secret life of Walter Mitty*, de James Thurber. Nesse, a perspectiva da literatura opera exatamente no plano em que o homem vive o ápice da imaginação, à medida que o personagem narra suas experimentações através da quebra com a realidade. Desse modo, o real é determinado onde o sonho transforma o seu ser psíquico e expõe a extrema importância de questionamentos ao mal-estar na civilização, movido pelos desejos que ocorrem na ilusão de uma nova existência, apropriando-se do discurso irônico. Relata-se também neste texto de que modo a obra evidencia a ironia como uma arma importante na crítica ao desvio das normas de organização da sociedade e propõe uma forma de saída. Ao usar o humor diretamente, a obra de Thurber supõe que a consciência pode proporcionar o prazer da criatividade e da ilusão que muitas vezes pode ser dita como solução à dura realidade. A pesquisa busca estabelecer questionamentos da existência em um mundo paralelo, ou seja, o movimento entre o real e o imaginário, a leitura do homem enquanto ser social à procura da verdade de si próprio e evidenciar os principais conflitos encontrados na ficção como homem versus homem, homem versus sociedade, homem versus eu e homem versus natureza. Para tanto, apoia-se em Sigmund Freud (1996), que corrobora como teórico em todo o processo de construção da análise interpretativa do conto e da própria existência do personagem em busca de si. E, assim, o trabalho se constrói e traz uma visão de mundo e da condição humana, evidenciando uma percepção mais precisa da relação indivíduo-sociedade.

Palavras-chave: humor/ironia; imaginário; real.

Introdução

Esta pesquisa busca analisar as fases do humor no conto *A vida secreta de Walter Mitty* (no original em inglês *The Secret Life of Walter Mitty*), escrito por James Thurber, publicado em 1939 na revista *The New Yorker*. O humor é fator determinante na composição da obra, a qual faz uso de ironia, figura de retórica comum à literatura, e que se torna evidente em torno do discurso do conto, estabelecendo assim uma valorização da obra de James Thurber, em cujo o narrador da obra define o seu caráter irônico.

A ironia traz artifícios ao texto e se apresenta inicialmente no conto por meio do

personagem principal Walter Mitty, ao encarar o conflito existencial que a relação com sua esposa engendra, revelando assim o conceito do real na literatura, o que proporciona uma descrição e interpretação mais precisa e mais conceitual desse humor no momento em que o personagem foge da realidade e entra no universo da imaginação. O interesse pela obra está na compreensão da escrita dessa narrativa e no uso de sentidos concentrados principalmente nos aspectos de temas sociais profundos e atuais, presentes na sociedade e representados na estória, como a relação com o outro e suas possibilidades performáticas.

Diante das especificidades apontadas da obra em análise, o artigo será estruturado em três seções. A primeira destaca alguns aspectos do processo constitutivo do conto e do conflito estabelecida na relação do personagem com sua esposa e como se dá o movimento de fuga desta realidade. A segunda seção traz conceitos e embasamentos com teorias sobre ironia e humor, nas quais as definições de ironia e de humor serão estabelecidas, em suas variantes conceituais, à necessidade da escrita ficcional em estudo. A terceira seção discute a condição psicológica do indivíduo que encara e luta contra a realidade que se mostra dura e árdua na relação com o outro.

James Thurber e seu conto *The secret life of Walter Mitty*

Thurber é internacionalmente reconhecido por ter sido escritor, ilustrador, contista, dramaturgo, cartunista, entre tantas outras atividades, e que se torna reconhecido na história da literatura Norte-americana pelos seus contos. Suas obras são apreciadas socialmente por seu humor e sátira. Ele contribuiu muito na literatura com uma estética do humor que cativou o leitor estadunidense e se expandiu aos apreciadores de tal literatura. Por meio da sua escrita, combina humor e ironia para transmitir mensagens cifradas de temas universais e profundos sobre a condição humana e das suas reflexões capazes de permear futuras gerações.

O referido conto se passa pelas ruas de Waterbury, sendo a duração dos eventos em um curto espaço de tempo, sem maiores especificações dos períodos aos quais os fatos se inserem, levando-se em conta a rapidez como era comum dentro do panorama de uma época em que a linguagem jornalística se pôs à disposição da escrita literária. Contado em terceira pessoa, o leitor tem acesso às fantasias de Mitty, que estão em exibição durante as sequências

e são projetadas em ações narrativas que interagem entre a realidade e a posse dessa pela imaginação. Thurber muda de um nível de consciência para outro sem confundir o leitor, tornando essa mudança mais evidente à medida que a história avança com a visão conflitante do mundo para o personagem Mitty.

Mitty produz uma vida dentro da própria mente onde o outro não tem acesso. No decorrer da narrativa do conto, Mitty sem avisar traz o leitor para dentro de si, apresentando o homem comum na desventura social. Thurber alia o humor e a ironia como estrutura na obra para contestar desejos reprimidos, hábitos mentais, hipocrisia social, amarras culturais, ideologias de controle perante o outro, como, por exemplo, a esposa de Mitty controla todas as suas ações no cotidiano.

Thurber retrata, de certa forma, em sua obra, um drama sobre sentimentos ambivalentes da cultura popular Norte-americana. Isso é percebido nas fantasias do Mitty ao se retirar da vida real insatisfatória para o consolo da realização de seus sonhos nas remotas áreas do seu inconsciente. Desse modo, podemos nos identificar com esse personagem na sociedade por ser este composto com arquétipos citados no conto como guardas de trânsito, mecânicos, atendentes de estacionamento etc.

Mitty habitualmente recorre à imaginação na defensiva de fugir da realidade maçante, onde as fantasias específicas são uma compensação. A discrepância do que ele anseia e a realidade na qual se encontra gera contraste entre o que ele vê e como ele imagina que poderia ser. O que lhe é privado no cotidiano, ele recorre a um mundo criado nos cernes do seu desejo, onde não se sente limitado, pois não existe predeterminações impostas neste mundo interior. Ao enfrentar sentimentos de descontentamento no mundo real, o réio é a imaginação.

A obra abre uma gama de perspectivas para os estudos das várias vertentes literárias. A estratégia do humor e da ironia aparece como armas para desvendar a visão crítica num sistema opressor para o indivíduo em que é evidente a percepção da sociedade na qual se vive e também suas nuances dentro do aprisionamento moral, psicológico e social.

A narrativa nos faz refletir sobre a necessidade humana e universal de fugir da monotonia diária, e manter uma conexão mais profunda com o eu. Ganha destaque na importância de imaginar-se um mundo melhor. Ato heroico de Mitty ficam apenas na imaginação, as fantasias são um meio de afirmar a própria existência e superar as limitações

impostas pelo mundo real.

Perspectivas teóricas sobre ironia e humor

O estudo da ironia e do humor na literatura resgata conceitos fundamentais ao processo de construção da obra que este trabalho propõe. A ironia e o humor têm uma espécie de vínculo, ambos com a necessidade de reflexão. Sobre o conceito de ironia, Muecke (1995, p.18) propõe tais questionamentos sobre “o que é a ironia e como ela atua; para que serve e o que vale; de que é feita e como é elaborada; como a conhecemos quando a vemos; de onde provém o conceito e para onde vai”.

Há uma certa dificuldade em delimitar o conceito de ironia, apesar de ser bastante debatida. É importante salientar o local, o momento histórico inserido, o conhecimento de mundo, tudo isso pode influenciar na análise de definição. Muecke ainda afirma:

A palavra ironia não quer dizer apenas o que significava nos séculos anteriores, não quer dizer num país tudo o que pode significar em outro, tampouco na rua o que pode significar na sala de estudos, nem para um estudioso o que pode querer dizer para outro. Os diferentes fenômenos a que se aplica a palavra podem parecer ter uma relação muito fraca. A evolução semântica do vocábulo foi acidental, historicamente, nosso conceito de ironia é o resultado cumulativo do fato de termos, de tempos em tempos no discurso dos séculos, aplicado o vocábulo ora intuitivamente, ora negligentemente, ora deliberadamente, a fenômenos que pareciam, talvez erroneamente, ter bastante semelhança com alguns outros fenômenos aos quais já vínhamos aplicando. Assim, o conceito de ironia a qualquer tempo é comparável a um barco ancorado que o vento e a corrente, forças variáveis e constantes, arrastam lentamente para longe de seu ancoradouro. (Muecke, 1995, p.22)

A partir da discussão de Muecke é possível chegar à conclusão de que é complexo obter um conceito definitivo para o que seja ironia. São muitos significados atribuídos à palavra ironia. Além dela ser empregada de diferentes formas e categorias, o termo sofre modificações e variações periódicas quanto ao uso e aplicação. Em qualquer de seus conceitos, o seu uso terá algo a transmitir, uma reflexão a comunicar, essa é a base de sua estrutura.

A ironia é apresentada como figura retórica em qualquer um de seus usos, é comunicativa, possui multiplicidades de sentidos e pontos de vista, é também representada por discursos singulares, pois a linguagem não possui um significado fixo, é reflexiva, conceitual e funciona como modo de discurso. Já o humor é um fator determinante na composição da obra, é o que se torna evidente no plano de linguagem do conto,

estabelecendo assim o caráter irônico do narrador. E, de fato, a ironia e o humor, no espaço do conto, se completam, entretanto, suas formas são uma estratégia de linguagem e estrutura comunicativa. Duarte ainda reitera:

A parte da observação da estrutura comunicativa da obra literária reflete sobre a literatura como campo propício para o fingimento e, portanto, para a ironia e o humor, considerando-se que, na primeira, representa-se vozes narrativas que, impulsionada pelos desejos de significação, fingem dominar a linguagem; no segundo reduplica-se o fingimento e revelam-se de questões pragmáticas, explicitando o seu caráter de arte que ludicamente liberta o homem da fuga de sua condição humana. (Duarte, 1994, p.37)

A ironia e humor podem ser associados entre si na literatura, sendo representados na construção da narrativa estudada. São aspectos provocadores de mal estar na civilização e propulsores da saída da realidade que se apresenta com intensa constância no conto literário. A ironia e o humor se inserem como parte da necessidade de Mitty em fugir do mundo real e viver no ápice da imaginação, onde o seu projeto de bem-estar se estabelece.

Tanto o humor quanto a ironia constroem-se, portanto, à vista das normas culturais. Enquanto o humor simula ignorá-las ou afrontá-las, a ironia acata-as e as observa. O humor exhibe sua intenção de produzir incongruências, fingindo ser capaz de opor-se às normas interiorizadas pelo sujeito que as produz. A ironia é um meio de observar manifestações concretas com convenções sociais e estéticas. Sobre a ironia e o humor, Duarte (1994, p.73) destaca que:

A ironia busca poder criticando o desvio de normas, o humor revela-se como criatividade do autoconsciente que aparentemente ignora as normas e cria armadilhas através da imaginação, cabe ao leitor percebê-la e apreciá-la. A ironia se torna um processo característico de expressão eminentemente social que tende a ser empregada de forma criativa para fins humorísticos (Duarte, 1994, p.73).

O leitor precisa entender como a ironia se articula, ao mesmo tempo, é necessário perceber as intenções do texto. A participação do receptor é imprescindível para que a significação irônica aconteça e seja compreendida. A ironia revela a linguagem em suas múltiplas possibilidades de sentido.

A escrita pode usar a ironia para que o público pare e pense sobre o que acabou de ser lido e enfatize uma ideia central. Por isso a escrita exige a participação do leitor e estabelece a importância e o papel do público que lê a obra. A ironia na escrita literária é uma maneira que faz com que o indivíduo que mantém contato com esta escrita fique instigado diante do

universo de possibilidades interpretativas que a obra traz. Cabe a esse interpretar hipóteses, criar pensamentos, opiniões sobre a perspectiva do que está sendo analisado. Os efeitos linguísticos da ironia vão de encontro ao social através de elementos marcantes e que se tornam independentes da época.

No conto, o tom irônico passa a ser central, o seu uso faz denúncia aos males, o seu lugar é do enunciado, sua perspectiva é do narrador, o seu caráter de arte liberta o homem do julgo de sua condição humana. Mitty, em cada fantasia, assume uma personalidade diferente na perda de controle social e na fuga do mundo real, enfrentando perigos crescentes por se distrair ao fantasiar, o que adiciona tensão e drama à história. Cada uma desta performance é destruída pelo mundo exterior com alguém lhe abordando antes de chegar ao clímax, com a quebra de toda construção imaginária.

A ironia se apresenta, em vários momentos, como uma figura de pensamento que consiste em expor o oposto daquilo que quer exprimir, revelando significação contrária ao que supostamente deveria ser exposto numa situação específica, sendo intencional entre aquilo que se declara e o que, de fato, se pretende dizer na verdade, e provoca sensações contraditórias. Em suma, dizer algo sem realmente dizer. Assim, pode ser percebida o traço da dualidade da palavra ou sentença que caminha para o momento esperado do clímax.

O intuito estético da ironia é a crítica de determinada coisa estabelecida com objetivo de desvelar pontos que remetem ao social, sem julgar o ponto de vista exposto. Como dirá Hutcheon (1988, p. 97):

Com a ironia você sai do reino do verdadeiro e do falso e entra no reino do ditoso e do desditoso de maneiras que vão muito além do que sugere o uso desses termos na teoria dos atos da fala. A ironia remove a certeza de que as palavras signifiquem apenas o que elas dizem (Hutcheon, 1988, p. 97).

A ironia é um desacordo ou incongruência entre o que é dito e o que é entendido, ou o que é esperado e o que realmente ocorre. Isso pode ser usado intencionalmente ou pode acontecer involuntariamente. Ela se torna reflexiva e consciente para agir do pensamento daquele que a desvenda.

A ironia se alia ao humor reforçando o seu poder na literatura e participando na estruturação do discurso do conto de Thurber. O humor pode existir sem o riso, e assumir a função de mostrar os valores sociais. O humor aliado à ironia constrói um retrato crítico de aspectos que representam o meio social perante a realidade. O humor por muitas vezes é

comparado com a ironia. Bergson (1983, p.68) esclarece de tal forma:

Ora se enunciará o que deveria ser fingindo-se acreditar ser precisamente o que é. Nisso consiste a ironia. Ora, pelo contrário, se descreverá cada vez mais meticulosamente o que é, fingindo-se crer que assim é que as coisas deveriam ser. É o caso do humor. O humor, assim definido é o inverso da ironia (Bergson, 1983, p.68).

O humor é uma manifestação depreciativa, a ironia vem como crítica social e discute o papel do humor nos processos sociais. O humor é uma forma espontânea de comunicar abertamente, tem algo ou alguma coisa de libertador a seu respeito, ele se encaixa na literatura onde traz prazer, alivia a dor e torna o mundo um lugar melhor, e se manifesta presente no aspecto emocional.

O conto evidencia a ironia como uma arma importante que mostra a crítica ao desvio das normas de organização da sociedade e propõe uma forma de saída. Ao usar o humor diretamente, a obra de Thurber supõe que a consciência pode proporcionar o prazer da criatividade e da ilusão que muitas vezes pode ser dita como solução a dura realidade. A arte cumpre o seu papel de transformação e ampliação dessa realidade.

“Irônica é a situação paradoxal da existência do homem, caminhando pela vida sem fim do ser, mas à beira do abismo que é a sua morte” (Andrade, 2009). No caminho dessa fuga da dura realidade, Mitty determina a partir da sua imaginação, a sua tentativa de morte social, estabelecendo a força e fúria da tentativa de sobrevivência. A postura da ironia em relação a realidade se estabelece enquanto crítica àquilo que se percebe como o estar no mundo, aprisionado por predeterminismos sociais, e remetendo o indivíduo a um universo único e impenetrável que é o seu ser e seus desejos.

A realidade e o desvelamento social

As representações da realidade e do real se estabelecem à medida que o conto mostra uma relação do ser humano, que a partir da dura realidade, movimenta-se na concepção de diferença entre o ser social e o ser psíquico no intuito da preservação do bem-estar, conforme a relação em que Mitty resolve não conter os desejos e sonhos e busca na criação de um mundo paralelo a solução do seu dilema da vida cotidiana.

Mitty caminha em seus recônditos desejos, onde estabelece a quebra com as predeterminações sociais tão comuns a civilização, perpassando pelas figuras do herói,

defensor da ordem e do “bem” estar, ou do anti-herói, aquele que quebra com a ordem social quando da criação de um novo outro que tenta fugir as ordens dadas pela sua esposa, a qual se mostra como a representação dos condicionamentos sociais que aprisiona o indivíduo na sua existência, indivíduo que busca libertação com a criação de outra realidade.

É importante ressaltar, segundo Freud (1930), em o “*Mal-estar na Civilização*”, que o indivíduo se torna o inimigo da civilização, pelo fato de que a felicidade deste é central no seu desenvolvimento humano e é ignorada por esse mal-estar social, que controla o homem perante a sua natureza. Assim é Mitty, impulsionado pelos desejos de libertação e dos sonhos, que o faz refletir a possibilidade do futuro de uma ilusão.

Freud ainda afirma que “[c]onsidera a realidade como a única inimiga e a fonte de todo sofrimento, com a qual é impossível viver, de maneira que, se quisermos ser de algum modo felizes, temos de romper todas as relações com ela” (Freud, 1996), e é o que corrobora com todo o processo de construção das possíveis interpretações do conto e da própria existência do personagem enquanto dono de si, posto que só assim o homem pode lutar pela sua liberdade e sua sobrevivência num mundo de regras e conceitos preestabelecidos e aprisionantes.

Considerados finais

Em última análise, a ideia de extrair o humor com o uso da ironia na obra, faz todo um construto da interação da obra com seu leitor. O conto traz uma visão de mundo e da condição humana, evidenciando uma percepção mais precisa da sociedade em que se vive. Mitty, sendo um indivíduo que através dos seus sonhos, busca uma fonte de prazer para o seu desenvolvimento humano, visto que a vida é árdua demais, e a imaginação pode ser a arma a evitar os desprazeres envoltos na dura realidade.

Thurber foi capaz de explorar os conflitos e tensões neuróticas da condição humana, através do uso de humor e sagacidade. Usou distorções de falas da realidade para retratar efetivamente os abusos da condição humana na vida cotidiana, abordando quatro principais tipos de conflitos encontrados na ficção: Homem versus Homem, Homem versus Sociedade, Homem versus Eu e Homem versus Natureza. *A vida secreta de Walter Mitty*, nos instiga, enquanto leitores, a evidenciar fatos de como nossa vida está envolta em predeterminações, ao mesmo tempo em que somos movidos por desejos elaborados através de sonhos e

imaginação que transformam a realidade fixa. Ao compreendermos as imposições de grandes sacrifícios que a civilização nos impõe, evidenciamos o quanto é conflituosa a relação do indivíduo com a sociedade. E assim, é na interferência desse leitor na narrativa que se constrói a atemporalidade e a universalidade inerentes às grandes obras literárias.

Referências

ANDRADE, Pedro Duarte de. *Estio do tempo entre arte e filosofia na origem do romantismo alemão*/ Pedro Duarte de Andrade; orientador: Eduardo Jardim de Moraes. – Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Filosofia, 2019, 196-218.

BERGSON, Henri. O Riso. *Ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

DUARTE, LEILA, *Resultados da pesquisa ironia e humor na literatura*, cadernos de pesquisa, Belo Horizonte MAPa.UFMG.n.15, fevereiro,1994, p.54-77.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HUTCHEON, Linda. *Teoria e política de ironia*. Tradução de Julio Jeha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

MUECKE, Douglas Colin. *Ironia e o irônico*. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1995.